

# Estrelas nas sombras



MARIE LU

intrinseca

# Estrelas nas sombras

**MARIE LU**

Tradução de Ana Beatriz Omuro



Copyright © 2023 by Xiwei Lu.  
Todos os direitos reservados.

Trechos de William Shakespeare da página 221 retirados de *O mercador de Veneza*, Nova Fronteira, 2023, tradução de Barbara Heliodora, e *Noite de Reis*, L&PM, 2004, tradução de Beatriz Viégas-Faria.

TÍTULO ORIGINAL  
Stars and Smoke

REVISÃO  
Theo Araújo  
Thais Entriell  
Laiane Flores

DIAGRAMAÇÃO  
Julio Moreira | Equatorium Design

IMAGENS DE MIOLO  
YY Liak e DepositPhotos

ARTE DE CAPA  
Doki Rosi

DESIGN DE CAPA  
Larissa Fernandez Carvalho  
Letícia Fernandez Carvalho

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

---

L96e

Lu, Marie, 1984-  
Estrelas nas sombras / Marie Lu ; tradução Ana Beatriz Omuro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.  
384 p. ; 21 cm. (Estrelas nas sombras ; 1)

Tradução de: Stars and smoke  
ISBN 978-65-5560-601-0

1. Ficção chinesa. I. Omuro, Ana Beatriz. II. Título. III. Série.

23-85635

CDD: 895.13  
CDU: 82-3(510)



---

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]  
*Todos os direitos desta edição reservados à*  
Editora Intrínseca Ltda.  
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303  
22640-904 – Barra da Tijuca  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*Para você, leitor.*

*Obrigada pelo amor e pelo carinho ao longo de todos  
esses anos. Espero que este livro te faça companhia assim  
como você me acompanhou, e que a gente possa compartilhar  
muitas outras histórias juntos.*



## REGISTRO DA MISSÃO

---

**AGENTE A:** Winter Young?

**AGENTE B:** É isso mesmo.

**AGENTE A:** Só pode estar de brincadeira.

**AGENTE B:** Acha que ele não conseguiria?

**AGENTE A:** Ele é um astro do pop, [REDACTED].

**AGENTE B:** Correção: ele é a maior celebridade do mundo.

**AGENTE A:** Por favor. Só aceito aulas de semântica às sextas.

**AGENTE B:** Ah, melhora esse astral, [REDACTED]. Quero ver você pensar num disfarce melhor do que um famoso. Ele é exatamente o que esta missão precisa.

**AGENTE A:** Por quê? Porque ele sabe dar um mortal para trás?

**AGENTE B:** Porque Winter Young é o único que consegue nos colocar lá dentro.

**AGENTE A:** Ele não sabe nem o básico do que fazemos!

**AGENTE B:** Exatamente. Nós não trabalhamos com agentes convencionais.

**AGENTE A:** Duvido que ele consiga fazer nosso trabalho.

**AGENTE B:** Bem, não é como se tivéssemos uma opção melhor.

**AGENTE A:** A CIA não vai gostar dessa ideia.

**AGENTE B:** Somos o [REDACTED] [REDACTED]. Nunca gostam das nossas ideias, mas mesmo assim sempre nos contratam. Não é engraçado?

**AGENTE A:** Hilário.

**AGENTE B:** Então você concorda?

**AGENTE A:** Aham. Mas você fica me devendo.

**AGENTE B:** O que desta vez?

**AGENTE A:** Um jantar no melhor restaurante da cidade.

**AGENTE B:** Orleana?

**AGENTE A:** Naka.

**AGENTE B:** Olha, se eu conseguir uma reserva no Naka, vou pedir demissão.

**AGENTE A:** Se Winter Young conseguir mesmo completar esta missão, eu que vou pedir.

## AQUELES QUE GERAM OBSESSÃO

Não havia nada particularmente especial no carro que cruzava o estacionamento, os postes de luz o iluminavam num ritmo hipnótico.

A única coisa que fazia o veículo se destacar eram os dois SUVs pretos que o seguiam, ambos transportando equipes de segurança. Os carros mal faziam barulho ao se aproximar dos fundos do estádio, evitando as grades em que noventa mil fãs estavam reunidos.

Por trás dos vidros fumê do primeiro carro estava uma figura esguia com uma das pernas cruzada sobre a outra de um jeito despretensioso, apoiando o queixo na mão numa postura pensativa enquanto observava a multidão ao longe.

À primeira vista, seria difícil reparar que o garoto vestia marcas de luxo. Suas roupas pareciam simples: um conjunto de moletom preto sem nenhum logotipo à vista. Entretanto, uma inspeção minuciosa revelaria suas escolhas cuidadosas, os detalhes bordados à mão nas costuras, a qualidade do tecido feito por encomenda e, por fim, os anéis finos em seus dedos — um cravejado de pequenos diamantes negros e outro de platina com seu logotipo gravado, uma cabeça de coelho estilizada com orelhas que formava duas metades de um coração partido. O rapaz usava seu par preferido de tênis Gucci

customizados, um presente de aniversário da marca, e um óculos de sol com lentes rosadas que, uma hora após fotografado em público, estaria esgotado em todo o mundo.

Mesmo que as roupas dele não chamassem atenção logo de cara, o restante o faria.

Winter Young, o mais famoso astro do pop do mundo, o garoto de quem todos falavam, era tão bonito que nem parecia real. Tinha uma presença resplandecente de parar o trânsito: cabelo bagunçado e de um preto tão exuberante que tinha reflexos azuis sob a luz, tatuagens geométricas ao longo do braço esquerdo que terminavam numa cobra que envolvia o pulso, olhos escuros e estreitos emoldurados por longos cílios que se moviam em um charme misterioso, uma expressão que poderia passar de tímida a perversa em um segundo. Mas era mais do que isso. Muitas pessoas são objetivamente deslumbrantes, mas poucas são como ele: celebridades com a característica indefinível de um brilho tão ofuscante geram obsessão. Assim que o mundo as vislumbra, move céus e terras só para vê-las de novo.

Winter encarava a janela do carro, analisando as gotas de chuva no vidro e as milhares de cores diferentes dentro delas, assobiando baixinho a ponte experimental de uma música enquanto sua criatividade arriscava uma nova melodia. Ao lado dele, sua empresária digitava no celular.

— Se Alice marcar uma rápida sessão de fotos amanhã às seis e meia... — começou ela. — Você tomaria café da manhã em quinze minutos por volta das cinco? Vou entender o silêncio como um sim. Não se esqueça de entrar em contato com a CEO da Elevate, a srta. Acombe quer que você seja o garoto-propaganda do tênis que eles vão lançar. Ah, e se quiser encurtar a duração da turnê por Nova York, é melhor me falar agora.

As luzes do estádio filtradas pelas janelas escurecidas projetavam um tom esverdeado nos óculos e na pele escura da mulher. A voz



dela, abafada pelo ruído da chuva, tinha o tom de alguém acostumado a vencer discussões com Winter Young.

— A turnê do Ricky Boulet vai coincidir com a sua — continuou ela —, e eu prefiro não perder uma hora da minha vida discutindo com o empresário dele sobre por que estamos... — Sua voz de repente se tornou exagerada, e ela revirou os olhos — ... “roubando o fim de semana dele”.

— Vamos manter todas as datas — declarou Winter, fitando a janela.

Claire lhe lançou um olhar cético por trás do celular.

— Ninguém faz quatro shows consecutivos em Nova York — retrucou ela.

Sem desviar o olhar, Winter gesticulou para a empresária.

— Você sabe que vamos vender todos os ingressos.

Ela afastou a mão dele com tapinhas.

— Estou falando da sua saúde, não do seu potencial como celebridade. Por favor, não me faça ter que lidar com outro desmaio no palco.

Winter enfim virou a cabeça e abriu um breve sorriso.

— Cinco anos e você ainda não confia nem um pouco em mim — comentou ele.

— Não mesmo. Você por acaso almoçou hoje?

— Três churros contam como refeição?

A expressão de Claire ficou rígida, e ela cutucou a perna de Winter com sua bota.

— Winter Young... Pedi sanduíches exatamente para que você não ingerisse apenas calorias vazias.

Ele repousou a cabeça no assento e fechou os olhos.

— Como você ousa! — replicou ele. — Churros são um alimento perfeito, e não vou tolerar nenhuma blasfêmia contra eles.

Claire soltou um suspiro exasperado e disse:

— Queria que você parasse de trabalhar tanto e cuidasse um pouco de si mesmo, pra variar. Fizesse uma trilha. Sáiisse com alguém.

Tivesse pelo menos um crush. Quer que eu entre em contato com o agente de alguém para você?

Aquela ideia o deixava exausto. Os dois já haviam tido aquela conversa antes, e Winter não estava interessado em se explicar outra vez. Depois de inúmeras noites vazias, ele passara a odiar encontros. E a ideia de arrastar alguém para o inferno que era namorá-lo fazia Winter estremecer. Em seu último término, sua então namorada lhe dissera que o circo midiático fazia dele uma pessoa *impossível de namorar*.

Para Claire, porém, Winter apenas deu de ombros.

— Não tem ninguém que me interesse — declarou ele.

— Está dizendo que você é a pessoa mais interessante do mundo?

— É a verdade até que se prove o contrário.

— Acho que isso já foi provado.

Winter levou uma das mãos ao peito, como se estivesse magoado.

— Além disso — continuou Claire —, não se trata de interesse. É publicidade gratuita e um pouco de diversão para as duas pessoas envolvidas.

— Sério? Achei que se tratava de amor.

Claire balançou a cabeça.

— Ah, Winter... Dezenove anos e já não acredita no amor.

— Aprendi com a melhor. Você já saiu com alguém desde que terminou com aquela editora de revista?

Claire fungou.

— Tecnicamente, Susan e eu não terminamos.

Winter lhe lançou um olhar incisivo.

— Sei. Vocês só não se falam há dois anos.

— Para de mudar de assunto — rebateu ela. — Estamos tentando consertar a *sua* vida amorosa.

Ele abriu um sorriso travesso.

— Mas eu já amo *você*.

Claire balançou uma mão para ele num gesto irreverente.

— Está vendo esse charme aí? Por que não faz algo útil com ele?

Winter não conseguiu conter uma risadinha. Muitos anos atrás, no ensino médio, ele era apenas um calouro desengonçado e nada popular, magro e com um corte de cabelo feio. Winter passava a hora do almoço sozinho, ensaiava coreografias na quadra vazia depois das aulas e rabiscava melodias, cultivando um sonho ousado. Então ele arranjou um emprego temporário como dançarino na equipe do Ricky Boulet — na época, a maior celebridade do mundo. A performance do Winter no show de abertura do Ricky foi tão extraordinária que um vídeo dele viralizou da noite para o dia.

Claire, na época uma ambiciosa jovem que trabalhava numa empresa de assessoria, enxergou o potencial por trás daquele vídeo e entrou em contato com Winter na manhã seguinte para fisgá-lo antes de qualquer um. Ele era o achado da década; ela, a bússola para o sucesso. Juntos, os dois ascenderam — de repente, o dançarino de apoio assinou contrato com uma gravadora e se lançou em uma das maiores carreiras na história do pop.

“Você vai ser famoso algum dia”, provocara Artie, o irmão mais velho de Winter, certa vez, quando ele tinha apenas doze anos e começara a escrever músicas.

Winter apenas rira e dissera: “Você é otimista demais.”

“Otimismo é meu poder secreto”, replicara Artie com um sorriso. Então o irmão lhe lançou um olhar resolutivo. “Você tem uma alma incansável. Uma convicção de que algo maior e melhor está esperando por você.”

Winter passou os dedos pelo celular distraidamente. Levou um minuto para perceber que estava bloqueando e desbloqueando o aparelho, depois abrindo o contato do irmão e fechando-o outra vez.

Artemis Young.

Winter encarou o celular, pensando no último dia que passaram juntos. Apenas os dois, com doze anos de diferença, sentados à beira de um píer observando o pôr do sol no oceano. Seus cabelos bagunçados pelo vento salgado. A roda-gigante à distância brilha-

do em azul e amarelo, as cores refletidas em seus rostos. Winter ainda podia sentir o cheiro do mar, lembrava-se de encarar o irmão e desejar com todo o coração que Artie não fosse embora de novo na manhã seguinte.

“Não passe a vida toda procurando, beleza?”, dissera-lhe Artie.

O irmão tinha olhos escuros e redondos, e os de Winter eram estreitos, e seu cabelo preto e ondulado cobria suas sobrancelhas numa franja volumosa. Era tão diferente de Winter que ninguém jamais achava que eram da mesma família.

“Como assim?”, perguntara Winter.

“Estou dizendo que, às vezes, você já tem o que deseja. Só não sabe ainda”, respondera Artie.

Winter assentira sem concordar de fato.

Para o irmão, falar era fácil. Artie era o filho planejado, o favorito, fruto do primeiro casamento da mãe. Winter foi um acidente, um imprevisto, o erro do segundo matrimônio. Talvez fosse por isso que Artie acreditava que Winter seria famoso algum dia. Ele sabia que o caçula ansiava por atenção; que tinha sede de amor e iria até os confins da Terra para encontrá-lo. Artie percebia aquilo, e tinha pena do irmão.

Na época, Winter dera de ombros e comentara: “Eu só quero ser como você.”

Artie rira, um som rouco e intenso que Winter sempre tentara copiar, e dissera: “Seja *você mesmo*, Winter. Seja uma boa pessoa.”

Artie trabalhara para o Corpo da Paz, uma agência de assistência voluntária do governo estadunidense, e morrera. Winter se tornara uma celebridade fútil e continuava vivo. No fim das contas, a bondade nunca vencia.

A lembrança se dissipou, assim como a melodia que Winter estava criando mentalmente. Ele guardou o celular e balançou a mão. Mas seus dedos ainda tremiam. Ele não sabia por que ainda tinha o número do irmão. Artie se fora. Do outro lado da linha, encontraria apenas um estranho.

Por fim, o veículo estacionou diante da entrada dos fundos do estádio. Uma equipe de segurança já estava posicionada na frente das grades, mas não era o suficiente para deter a multidão de fãs amontoada em ambos os lados do caminho que ligava o carro ao portão. Devia haver centenas de pessoas ali. Ele reconheceu alguns dos cartazes, alguns dos fãs que tinham participado da passagem de som mais cedo.

— Levanta o queixo — avisou Claire, ajustando sua postura. — Está na hora de impressionar o público.

Winter afastou os pensamentos e lembrou a si mesmo de onde estava e quem as pessoas esperavam que fosse. Respirou fundo e deu uma piscadela para Claire.

— Como sempre — respondeu ele.

Os dois bateram os pulsos num cumprimento. Um segurança abriu a porta do carro, e Claire saiu.

Todos vibraram ao ver a figura feminina, sabendo o que a chegada de Claire significava. Em seguida, os ruídos animados deram lugar a uma explosão de gritos quando Winter emergiu do carro.

A chuva gelada molhava seu rosto. Quando o clarão ofuscante dos flashes o atingiu, ele deu uma olhada para a multidão de guarda-chuva e viu um mar de celulares virados em sua direção. Gritos desesperados temperavam o caos.

— Winter! Ai, minha nossa, minha nossa... WINTER!

— WINTER!!!

— AQUI, WINTER!

— WINTER, EU TE AMO!

Dava para ver que aquelas pessoas tinham esperado por horas, os cabelos ensopados pela chuva. Acenavam sem parar para ele conforme as seguranças o conduziam; depois, berraram quando Winter levou os dedos aos lábios num beijo rápido.

Conforme ele passava, observava mãos desesperadas oferecendo pôsteres e canetas. A equipe de segurança tentava afastá-las, mas

Winter fazia questão de passar perto da beira das grades, forçando sua comitiva a parar para que ele pudesse rabiscar alguns autógrafos apressados. Ele estava prestes a autografar o cartaz de uma menina, mas um de seus seguranças o afastou.

— Precisamos ir, sr. Young — avisou ele, balançando a cabeça.

Winter lançou um olhar de desculpas para a menina e foi conduzido até a entrada. A chuva e os gritos foram interrompidos abruptamente quando o portão se fechou.

Depois de algum tempo, Claire desacelerou o passo e lançou a ele um olhar de reprovação.

— Já conversamos sobre não fazer aquilo — repreendeu ela. — Sei que você acha que são só alguns autógrafos, mas não é seguro.

Winter franziu o cenho.

— Ah, vai! Aquelas pessoas passaram horas em pé debaixo da chuva. Não podemos pelo menos oferecer uma tenda ou algo assim?

— Vou cuidar disso — respondeu Claire por cima do ombro, ainda atravessando o corredor do estádio.

Enquanto andava, Winter tirou um caderno fino do bolso do moletom. Ele o levava para todo canto — era uma coleção de letras de músicas não concluídas, palavras que ele achava bonitas e refrões que queria apresentar aos produtores. Então, rabiscou um autógrafo às pressas numa folha em branco e arrancou-a, depois entregou-a para um segurança que estava por perto.

— Leve isso para aquela menininha com capa de chuva azul que estava esperando lá fora — pediu ele. — Por favor.

O segurança lhe deu um sorriso discreto, então assentiu e pegou o papel.

Winter observou-o partir, sentindo a garganta seca. Houve um tempo, não muito distante, em que ele podia se dar ao luxo de passar horas conversando com fãs, um por um, e todo aquele amor o rejuvenescia. Mas ele não conseguia lembrar quando exatamente aquilo mudara; quando a rotina se tornara corrida e inclemente. Winter

ficou observando o funcionário até que ele dobrasse o corredor, depois seguiu Claire.

Eles chegaram ao camarim, um cômodo lotado de cadeiras de maquiagem e uma mesa repleta de lanches. Lá, Claire finalmente o deixou sozinho. Winter fez alguns alongamentos rápidos até sentir os músculos aquecidos e relaxados. Em seguida, deu uma olhada na mesa de lanches, desanimado. Sua barriga estava roncando. Claire tinha razão; ele deveria ter comido algo além dos churros, mas agora era tarde demais, e Winter não queria passar mal.

Ainda sem conseguir desviar os olhos da bandeja de croissants, sentiu alguém cutucá-lo com força nas costelas. Ele grunhiu e olhou para o lado. Lá estava um lindo garoto de pele marrom com uma faixa na cabeça que mantinha seus exuberantes cachos escuros longe da testa, os olhos dele fixos na bandeja de biscoitos. Leo.

— Se você não vai comer nada — começou ele —, dá para pelo menos sair da frente para *eu* comer?

Winter deu um passo para trás e revirou os olhos.

— Você não acha que está um pouco tarde para isso? — perguntou Winter, arqueando uma sobrancelha. — Falta apenas uma hora para o show começar.

Leo chegou mais perto da bandeja, pegou um biscoito e enfiou metade na boca.

— Você não tem moral para me dar sermão sobre comida — respondeu ele.

Leo estava prestes a limpar as mãos na camisa, mas pareceu se lembrar de que já estava com o figurino e a maquiagem para o show. Ficou parado por um instante, depois limpou as mãos em um garoto negro e alto que passava por eles. Dameon.

Dameon fez uma careta para Leo.

— Sério?

Leo deu de ombros e respondeu:

— Você ainda não trocou de roupa.

— O que não quer dizer que eu não goste desta camisa — retrucou Dameon.

Ele balançou a cabeça, fazendo seus dreadlocks se moverem, ao ver a mancha de gordura que Leo deixara em sua manga. Então olhou para Winter. Mesmo logo antes de um show, havia uma serenidade nele que Winter achava tranquilizante.

— Estou indo para a sala de ensaio — avisou Dameon. — Quer repassar a coreografia antes de subirmos?

Com um suspiro, Winter tirou os olhos da mesa de lanches e balançou a cabeça.

— Não, preciso me trocar daqui a pouco — respondeu ele. — Podem ir na frente.

Conforme se afastavam, Leo colocou uma das mãos no ombro de Dameon.

— Quantos ensaios até você ficar satisfeito? — indagou Leo.

Dameon deu de ombros.

— Até você parar de atrasar a coreografia — declarou ele, lançando um último olhar para Winter e abrindo um sorriso. — Vejo você no palco.

Winter acenou, deixando os olhos se demorarem sobre os dois por um momento. Em seguida, o verdadeiro caos começou. Maquiadores e estilistas trabalhavam ao redor dele, transformando seu visual casual no primeiro de seus figurinos cintilantes para o show. Enquanto isso, o estádio começava a se encher de fãs. Mesmo estando muito longe do palco, Winter conseguia sentir o tremor dos aplausos e gritos e ouvir as ondas esporádicas de aclamação.

Por fim, era hora. Os seguranças de Winter estavam a sua volta conforme ele atravessava o corredor, ajustando o retorno de palco em suas orelhas e o pequeno microfone em seu rosto. Winter já conseguia sentir a energia dos fãs incitando a chama dentro de si, revelando a força que ele não sabia ter uma hora antes. Seus passos ganharam confiança, e de repente a versão jovem e insegura dele, aquela sorri-



dente que se sentara no píer com Artie tantos anos antes, se escondeu sob a versão cuidadosamente fabricada que o resto do mundo via: o sorriso sedutor, o estreitar de olhos escuros ensaiado, o charme ao caminhar, a silhueta se movendo com uma graciosidade hipnótica.

No estádio, a música ressoava cada vez mais alto, a batida tão forte que estremecia o chão. Os gritos da plateia aumentavam e diminuía. Winter se abaixou para andar sob o palco, movendo-se em silêncio até chegar onde precisava. Ali, ele se agachou mais e alguns funcionários correram para prendê-lo num equipamento para suspensão. Winter seguia suas instruções diligentemente, movendo os braços e as pernas conforme requisitado e checando tudo para se certificar de que estava funcionando. Era sempre assim, há anos. Ele trabalhava no modo automático, sem pensar.

Por fim, a equipe terminou o trabalho e deixou-o sozinho. Winter baixou a cabeça, se preparando.

O toque que anunciava sua deixa ressoou no retorno de palco.

A plataforma em que ele estava agachado se elevou, erguendo-o até o palco principal.

O público explodiu em gritos. O equipamento de suspensão foi puxado de repente, e Winter foi lançado no ar com um giro. Quando a batida da música parou, os cabos se soltaram. Ele aterrissou de pé com leveza, em frente aos dançarinos de apoio, que tinham se materializado no palco principal atrás de uma gigantesca escultura de coelho iluminada em neon.

Entusiasmada, a multidão berrava. Winter fechou os olhos e respirou fundo, absorvendo a onda de amor que o envolvia. Era *aquilo* que ele realmente desejava, o único momento em que sentia uma conexão verdadeira e intensa com o mundo, e que nunca era saciada.

Winter ergueu uma das mãos.

— Vocês estão prontos? — gritou ele a plenos pulmões.

O mundo rugiu. Ele ergueu a cabeça, sua figura fantasmagórica em meio à fumaça e à névoa do palco, e deu início à primeira música.



Como sempre, tudo que aconteceu depois foi um borrão. Várias pessoas o cercaram no instante em que ele saiu do palco. Winter sorria, entorpecido, enquanto lhe davam tapinhas no ombro para parabenizá-lo e ele agradecia a equipe que retirava o equipamento de seu corpo. A energia pós-show o envolveu, enlaçando-o por completo. Ele sentia os tremores no chão, já que o estádio continuava vibrando a toda mesmo muito tempo depois de sua partida; os fãs ainda estavam entoando as músicas.

Winter tinha se saído bem. Tinha certeza disso, mesmo que a adrenalina já tivesse deixado seu corpo para dar lugar a uma exaustão que chegava aos ossos. Conforme seguia a equipe pelo mesmo corredor de horas antes, os sons do estádio começavam a diminuir, até parecerem apenas um ruído de fundo e o eco de seus passos se tornar audível.

Claire estava a seu lado. Winter não conseguia lembrar quando ela aparecera. Ela estava sorrindo, mas, em seus olhos, ele enxergava preocupação. Claire sabia como ele ficava logo depois dos shows.

— Você foi fantástico — comentou ela.

Os dedos gelados de Claire envolveram o braço dele conforme ela o guiava pelo corredor.

— Ela veio? — perguntou ele.

Claire o fitou, depois balançou a cabeça. Ela não precisava perguntar para saber que Winter estava falando da mãe.

Ele assentiu, inexpressivo.

— Pode pedir para alguém verificar se o carro dela está na garagem? Se ela está segura em casa e não presa no aeroporto? — indagou ele.

— Vou cuidar disso — assegurou Claire.

Os dançarinos passavam ao redor dos dois, aplaudindo e gritando para Winter ao vê-lo. Ele olhou quando Dameon e Leo passaram, dando um toca-aqui.

— O jantar vai ser no seu quarto! — gritou Leo. — Vamos acabar com o champanhe do hotel!

O sorriso de Dameon era mais discreto. Ele observou Winter, examinando-o com seu jeito quieto. Dameon pareceu notar a expressão de Winter, assim como sempre notava tudo nele, mas não fez nenhum comentário.

— Sem pressa! — disse Dameon para Winter.

Por um instante, Winter encarou o garoto com gratidão. Em seguida, Dameon e Leo partiram, acompanhando o fluxo de pessoas pelo corredor em direção à saída dos fundos. Winter seguiu Claire até o camarim.

— Tira um tempo para você — aconselhou ela. — Mas quero tirar você daqui bem antes de abrirem os portões. Dez minutos no máximo, pode ser?

Ele abriu um sorriso e enxugou a testa. Não tinha ideia de quem colocara uma toalha de rosto em sua mão.

— Beleza.

Claire segurou o queixo dele com firmeza e o balançou com delicadeza.

— E, *por favor*, vê se come alguma coisa.

— Prometo — replicou ele.

Então ela o soltou e o deixou sozinho.

O camarim estava vazio. Winter se viu vagando pelo cômodo, passando pelas mesas e cadeiras de maquiagem vazias. O silêncio parecia esmagador depois dos gritos de dezenas de milhares de pessoas.

Em cerca de uma hora, repercutiriam as manchetes. Nas matérias, explicariam como fora o novo show, sua aparência e que estilistas tinha usado nos figurinos. Ao lado de notícias sobre guerras e manifestações, haveria quantos milhares de dólares os ingressos para os próximos shows custariam com cambistas. Novos rumores e fofocas. Winter aproveitaria um jantar tarde da noite com Dameon e Leo, lembrando-se das melhores partes do dia. Depois ficaria dei-

tado, incapaz de dormir, sozinho e cansado, sentindo a alma pulsar debilmente, em sincronia com seu coração.

Ele se apoiou em uma das mesas e baixou a cabeça. Fios suados de cabelo pendiam diante de seus olhos. Por algum motivo, Winter notou que seus pensamentos voltavam para a imagem dos fãs enso-pados nos fundos do estádio, esperando que ele saísse do carro. Pensou na menininha tremendo de frio na chuva só pela possibilidade de conseguir um pedaço de papel com seu rabisco.

O último verso que ele tinha escrito em seu caderno ecoou em sua mente: *O que estou fazendo aqui? O que estamos todos fazendo aqui?*

Todas aquelas pessoas tinham ido vê-lo, dado a ele seu dinheiro suado, possibilitado a vida mágica que Winter tinha. E o que ele oferecia em troca? No passado, parecia que ele dava aos fãs algo substancial: sua música, suas performances, seu coração. Algo que os ajudasse a esquecer qualquer preocupação que pudesse perturbar suas vidas. Mas tudo mudou. Naquele momento parecia mais... bem, Winter não sabia explicar. Suas entrevistas se tornaram repetitivas, e as grades de contensão eram reforçadas. Reuniões e advogados. Fãs que pensavam amá-lo, mas não o conheciam de verdade. Um ciclo infundável do mesmo: acordar, maquiagem, ir para um compromisso. Posar. Recitar respostas para as mesmas perguntas. Ensaiar sorrisos para as mesmas fotos. Comer e dormir num quarto de hotel.

E o amor de que ele precisava para florescer, para *sobreviver*, parecia cada vez mais distante. Será que suas criações ainda podiam ser chamadas de criações, de expressões de amor? Ou será que tudo se tornara um negócio? Será que Winter era digno da adoração do mundo? Será que merecia o amor pelo qual desesperadamente ansiava?

Ele não tinha certeza. Assim como não sabia se sua mãe se lembraria dele, ou quando ela se esqueceria de tomar seus remédios, ou se ela tinha orgulho do sucesso dele, ou se ela o amava.

Assim como não tinha certeza de por que fora o irmão quem morrera.

“Ah, Winter...”, dissera Artie certa vez depois de uma audição fracassada, sempre gentil. “Você não precisa ser famoso para ser importante.”

Mas Winter não sabia ser importante sem ser famoso.

Artie dera a vida por algo que fazia do mundo um lugar melhor. O que Winter estava dando?

De repente, ele estava em seu limite. A adrenalina do show havia se dissipado por completo, deixando apenas a exaustão. A inquietude que sempre corria dentro dele começou a causar feridas, sempre tentando alcançar uma versão inatingível de Winter. Uma versão melhor do que a que ele era.

Se Winter pudesse ao menos chegar perto dessa outra versão, ele seria uma pessoa digna. Seria alguém feliz.

Mas ele não conseguia. Então tudo o que queria fazer era fugir para um quarto de hotel. Talvez também faltasse ao jantar com os amigos. Claire tinha dito dez minutos; ele olhou para o relógio na parede.

— Cinco minutos — murmurou Winter.

Tempo o bastante. Conhecendo ela, os carros já deviam estar prontos para dar partida. Ele ajeitou a postura e passou a mão pelo cabelo bagunçado. Então saiu do camarim e se afastou cada vez mais do palco do estádio.

A equipe de segurança ainda não tinha aparecido para buscá-lo; talvez fosse cedo demais e estivessem todos esperando em algum lugar próximo da saída dos fundos. Ele atravessou sozinho o grande corredor até chegar ao pequeno e discreto portão lateral que levava aos fundos.

Winter saiu, encontrando a noite fria e úmida. No mesmo instante, sua visão se fixou em um elegante carro preto que estava parado logo na saída. Conforme caminhava na direção dele, a

porta do veículo se abriu automaticamente, revelando um interior aveludado.

Ele soltou um pequeno suspiro animado ao entrar. Claire devia ter conseguido carros melhores durante o show. Aquele tinha janelas de vidro fumê que, no momento, reproduziam um vídeo relaxante do oceano, uma função que o outro com certeza não tinha, e assentos de couro que já estavam aquecidos a uma temperatura confortável.

A porta se fechou, trancando-o no veículo. Então o carro partiu.


Foi só naquele momento que Winter percebeu que havia algo de errado. No escuro, ele reparou que a mulher sentada ao lado dele não era Claire. E o motorista também não era ninguém que ele reconhecia.

Winter piscou, confuso.

— Entrei no carro errado? — perguntou ele.

— É o carro certo — respondeu a mulher.

Então Winter percebeu que estava sendo sequestrado.



Winter Young é a estrela do pop mais amada da atualidade — fenômeno mundial, seus shows vivem esgotados e suas músicas estão sempre no topo das paradas. Mas, de um dia para o outro, como se fosse obra do destino, uma agência de espionagem decide que ele pode ser um novo recruta.

A missão é conseguir provas contra Eli Morrison, um cruel bilionário e magnata do crime que quer contratar Winter para se apresentar na festa de aniversário de sua filha, a maior fã do garoto. Para se infiltrar no círculo do criminoso e se aproximar do alvo, Winter vai precisar usar sua fama, inteligência e beleza. Além disso, será acompanhado por uma guarda-costas — Sydney Cossette, uma linda e destemida agente secreta, convocada para ser sua habilidosa (e implicante) parceira.

Imune ao charme de Winter, Sydney duvida que ele conseguirá completar a missão. Afinal, a garota acha que celebridades são todas iguais e só atrapalham seu objetivo de ser a melhor espiã da agência. Mas conforme os dois se aproximam na arriscada e reveladora aventura, seus sentimentos podem mudar para sempre.

Com uma narrativa ágil, emocionante e impossível de largar, Marie Lu vai mostrar que nem tudo é o que parece quando poder e obsessão estão em jogo. Em meio a ação, romance e shows arrasadores, Winter e Sydney vão descobrir que precisam unir forças se quiserem salvar o mundo e a si mesmos.

**SAIBA MAIS:**

<https://intrinseca.com.br/livro/estrelas-nas-sombras/>

